



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**IMPrensa ILUSTRADA HUMORÍSTICA NO BRASIL DO SÉCULO
XIX: A SEMANA ILLUSTRADA (1860-1876)**

Bruna Oliveira Santiago*

As revistas ilustradas ganharam espaço na imprensa devido ao uso de imagens e sua popularização em meio ao público leitor. Segundo Paulo Knauss (2011), a maior novidade foi a afirmação do papel da imagem, pois os jornais faziam um uso esporádico do recurso visual. Neste contexto de inovação e de uma circulação ampla de imagens, surge a *Semana Ilustrada*. Ela é inovadora, uma vez que consiste no primeiro periódico ilustrado que se afirmou no mercado editorial.

Nesta época, durante os anos 1860, já existiam periódicos com ilustrações, mas não eram periódicos especializados. Com a *Semana Ilustrada*, o público leitor de periódicos foi aos poucos se habituando a uma narrativa em forma de imagem. É possível afirmar que, de acordo com Ângela Maria Cunha da Motta Telles (2007), o surgimento da *Semana Ilustrada* inaugura uma nova fase da imprensa ilustrada durante o Segundo Reinado.

A presença da imagem alterou de maneira significativa a relação do leitor com a imprensa, relação esta que passou a ser intermediada por meio das imagens. A litografia facilitou a impressão de imagens no papel e, desta forma, contribuiu para sua difusão.

* Mestranda em História Social pela Universidade de São Paulo. Desenvolve pesquisa sobre a imprensa ilustrada no século XIX, mais especificamente sobre imagens do negro e da escravidão na *Semana Ilustrada*. Contato: brunasantiago@usp.br

Com esta difusão de imagens cada vez mais intensa, ao lado da influência da fotografia, a visualidade se alterou significativamente. Os textos sozinhos não mais satisfaziam o público. Convém sublinhar que a narrativa visual não substituiu a textual, mas criou com ela uma relação muito estreita na construção do sentido.

O primeiro número da *Semana Illustrada* foi lançado no dia 16 de dezembro de 1860 sob a direção do prussiano Henrique Fleiuss. Nota-se que as influências que ajudaram Fleiuss a gestar a *Semana Illustrada* advinham dos famosos periódicos ilustrados que já circulavam na Europa desde a primeira metade do século XIX.¹

Como a *Semana Illustrada* era declaradamente humorística, é preciso levar em consideração um elemento muito presente na publicação, que é o humor. Henk Driessen afirma que “o humor quase sempre reflete as percepções culturais mais profundas e nos oferece um instrumento poderoso para a compreensão dos modos de pensar e sentir moldados pela cultura”. (DRIESSEN, 2000, p. 251). Desta forma, o humor se revela como instrumento fundamental para compreender a sociedade carioca da época analisada. A imprensa humorística fazia rir o leitor ao relacionar as caricaturas e textos com o dia-a-dia das pessoas.

O caráter humorístico das imagens consistia na sátira com assuntos do cotidiano, fazendo o leitor achar graça justamente devido a uma identificação com a realidade. Conforme Maria da Conceição Pires:

As caricaturas e charges se propunham a decifrar, em parceria com o leitor, situações reais, estabelecendo uma identificação entre leitores e os quadros retratados pelos desenhos. Nesse sentido, a justaposição exercida entre contexto e personagens reais e imaginários é que produz o efeito humorístico, ou seja, o riso do leitor vinha da identificação dos personagens e do reconhecimento da deformação dos momentos apresentados pelo desenho humorístico. (PIRES, 2010, p. 20)

A fim de melhor compreender o projeto e as intenções da *Semana Illustrada*, convém citar características presentes em sua edição inaugural. Na figura da capa, uma frase inscrita na lanterna mágica chama a atenção: *ridendo castigat mores*, uma expressão em latim que significa: “rindo castigam-se os costumes”. Percebe-se aí a importância do humor como elemento-chave na revista, cuja intenção já se colocava no editorial da primeira edição. Através do trecho a seguir, nota-se a relação estreita com o humor:

¹ *The Illustrated London News* (Inglaterra) e *L'Illustration* (França), mais voltados para o tema de variedades, e *Punch* (Inglaterra) e *Le Charivari* (França), ambos de cunho satírico.

“Censuraremos rindo, e conosco rirá o leitor, pois em todo esse mundo movediço que se enfeita ao espelho, e apregoa o seu valor extremo, ha um lado vulneravel onde penetra o escalpelo da crítica, há uma parte fraca que convida ao riso”.²

Na capa da primeira edição, é possível notar que o periódico era semanal e publicado sempre aos domingos. Quanto à distribuição dos conteúdos, continha geralmente oito páginas, sendo que quatro eram destinadas a ilustrações e as outras quatro eram preenchidas com textos. Como revista de variedades, continha crônicas, poesias e contos.

O editor convidava os leitores para que eles pudessem colaborar com o periódico: “Os Senhores, que nos quizerem honrar com artigos e desenhos terão a bondade de remette-los em carta fechada á Redacção da Semana Illustrada, na Rua do Ouvidor N° 87, livraria de F. L. Pinto & C.”. Com isso, a revista abre espaço para os próprios leitores colaborarem com a publicação. Para proceder às assinaturas, o preço estava discriminado ao lado do aviso: para a Corte, os preços da assinatura trimestral, semestral e anual eram, respectivamente: 5\$000, 9\$000 e 16\$000. Para o resto do país, os valores eram mais caros: 6\$000, 11\$000 e 18\$000. O número avulso custava 500 rs.

Henrique Fleiuss³, diretor da *Semana Illustrada*, chegou ao Rio de Janeiro em 1859 e já em 1860, abriu uma oficina tipo-litográfica com Carlos Fleiuss e Carlos Linde. No final deste mesmo ano, surgiu a *Semana Illustrada*. Diante da necessidade de formar mão de obra qualificada para ajudar na continuidade do empreendimento, Fleiuss fundou, em 1861, o Instituto Artístico, que tinha o objetivo de formar jovens carentes nas técnicas artísticas. Eram ministrados cursos de litografia⁴, pintura, tipografia, fotografia e xilografia.⁵ No ano de 1863, o instituto recebeu o reconhecimento do imperador e ganhou o título de Imperial Instituto Artístico.⁶

² Edição 01, ano 1860.

³ Henrique Fleiuss nasceu em 29 de agosto de 1823 em Colônia, na Alemanha. Depois de completar os estudos iniciais, foi para Dusseldorf buscar aperfeiçoamento na área das artes. Consta que Fleiuss chegou ao Brasil, mais especificamente em Salvador, no ano de 1858, recomendado pelo viajante Karl Friedrich Phillipe Von Martius, que se correspondia frequentemente com o imperador D. Pedro II.

⁴ A litografia consistia em desenhar às avessas numa pedra porosa, para depois transferir para o papel.

⁵ A xilografia era uma técnica corriqueira na Europa, empregada nas principais revistas ilustradas. Consistia no entalhe de figuras na madeira com objeto cortante para, em seguida, carimbar na superfície a ser ilustrada. Com essa forma de impressão, era possível obter texto e imagem na mesma página. No Brasil, a técnica não era comumente utilizada.

⁶ Andrade (2004) afirma que os resultados do instituto se tornaram evidentes em abril de 1864, quando a *Semana Illustrada* passou a ser produzida pelos próprios alunos. Entretanto, a mão de obra não era

O pioneirismo de Fleiuss é evidente, uma vez que ele ajudou a conceber uma nova forma de visualidade, pautada na narrativa visual.

No Rio de Janeiro, foi Henrique Fleiuss quem mais se esforçou e avançou, mesmo que pouco, no sentido de viabilizar essa evolução técnica – e mais, essa nova concepção da visualidade –, favorecendo a nova forma narrativa em nossa imprensa ilustrada (ANDRADE, 2011, p. 53).

Apesar de alguns autores reconhecerem o pioneirismo de Henrique Fleiuss para a imprensa brasileira, não há consenso no que diz respeito à forma de crítica realizada por ele, nem mesmo com relação à sua qualidade como ilustrador. Herman Lima, em seu livro intitulado *A História da Caricatura no Brasil*, tem um capítulo dedicado a Henrique Fleiuss, considerado um dos pioneiros da caricatura no Brasil. Todavia, embora reconheça o pioneirismo de Fleiuss, Lima (1963) afirma que sua influência e seu talento são muito inferiores aos do artista italiano Ângelo Agostini, fundador da *Revista Ilustrada*. Além disso, destacou que Fleiuss não fazia críticas ao governo vigente, já que tinha relações estreitas com o trono imperial.

Marco Morel e Mariana Monteiro Barros (2003), no livro *Palavra imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*, também valorizam o pioneirismo de Fleiuss com relação à introdução de imagens, mas corroboram a falta de criticidade: os autores destacam a ausência de criticidade na revista, embora citem a campanha contra a sujeira do Rio de Janeiro, que por si só já é um fator de crítica.

Por outro lado, no texto *Henrique Fleiuss: vida e obra de um artista prussiano na Corte (1859-1882)*, Lucia Maria Paschoal Guimarães apresenta uma visão diferente acerca da posição de Fleiuss: “o respeito e as deferências dispensadas aos membros da Casa Imperial não devem ser confundidas com subserviência ao governo [...], o lápis ágil e de ponta afiada de Henrique Fleiuss estava sempre pronto para satirizar [...]” (GUIMARÃES, 2006, p. 92). Mesmo mantendo relações amistosas com os membros da Corte, Fleiuss tinha uma postura crítica com relação à sociedade de sua época.

No que diz respeito ao tom crítico da *Semana Ilustrada*, considera-se que Henrique Fleiuss “ofereceu uma representação humorística singular do cenário social da

suficientemente qualificada e a revista passou a ser impressa como antes, pelo método litográfico. A tentativa de modernizar a forma de impressão das revistas não logrou resultado, tendo em vista que no final do mesmo ano já não se oferecia cursos de xilografia.

Corte brasileira, palco das tensões e contradições que marcavam uma sociedade escravocrata com pretensões à civilização e ao progresso” (NERY, 2011, p. 174). Através de sua pena perspicaz, Fleiuss conseguiu unir sua proximidade com o imperador a críticas de certos costumes da sociedade imperial.

O fato de o periódico ter circulado durante tanto tempo no mercado editorial evidencia que as críticas eram bem recebidas por grande parte do público leitor. A boa receptividade se explica pelo fato de que as representações satíricas nas imagens e nos textos sintetizavam aspectos intrínsecos à sociedade brasileira daquele período.

Um dos artifícios usados por Fleiuss para dialogar com o público da *Semana Illustrada* consistia nos dois personagens que, simbolicamente, estavam à frente do empreendimento e que davam voz ao periódico: o Dr. Semana e seu escravo, o Moleque, que apareciam em quase todas as edições. Posteriormente, entra em cena a Negrinha, que viria a ser a esposa do Moleque, e os três filhos do casal.

Assim como grande parte dos homens abastados no Brasil de meados do século XIX, Dr. Semana tinha para si um cativo, nomeado Moleque. O pequeno negro constituía uma figura peculiar, uma vez que, na posição de escravo, vestia-se bem e estava sempre calçado, trajando libré.⁷ Suas características pessoais deixam antever um escravo atrevido e astuto. As imagens que representam Dr. Semana e Moleque mesclam o satírico e o caricatural e, com isso, incitam o observador a criar sobre eles significados diversos, conforme explicita a autora Laura Nery, no texto *Henrique Fleiuss e as possibilidades de uma sátira bem comportada*:

Nas páginas da revista, o satírico e o caricatural instalam-se na representação, especialmente na composição da dupla Dr. Semana e Moleque, causando estranhamento, desconforto, distanciamento, riso e, em alguns casos, convidando o observador à reelaboração ou à complementação de sentidos contidos na imagem (NERY, 2011, p. 186).

Os dois personagens parecem ter sido inspirados em outros. Segundo Nery (2011), Dr. Semana era uma influência do Dr. Syntax, figura de um sábio atrapalhado concebida por George Cruikshank no século XVIII. Com relação ao Moleque, Guimarães (2006) e Nery (2011) afirmam que a provável inspiração para sua criação advenha do

⁷ Segundo o dicionário Priberam da Língua Portuguesa, libré vem do francês *livrée* e significa “farda de lacaios e cocheiros de casa rica”.

personagem Pedro, o esperto escravo doméstico da comédia *O Demônio Familiar*, de José de Alencar, que fez sucesso em 1857.

Sodré (2011) destaca o fato de que Henrique Fleiuss fez aparecer em seu periódico o segmento negro e mestiço que, de forma geral, não era contemplado pela imprensa.

Com exceção de Henrique Fleiuss, que apesar de monarquista foi o único a dar uma cara digna a esse povo, na “sociedade imaginária” que a aristocracia construiu para si própria [...] o povo, sobretudo seu segmento negro e mestiço, era “invisível”, carecendo, em consequência, de qualquer possibilidade de representação simbólica (SODRÉ, 2001, p. 18).

Dr. Semana e Moleque representaram personagens bastante emblemáticos para o contexto de meados do século XIX. Ambos sintetizaram simbolicamente a relação entre senhor e escravo, assim como a própria instituição escravista, que já entrava em processo de declínio na época.

A intenção era, portanto, castigar os costumes de forma humorística, tendo como representantes os já citados Dr. Semana e seu Moleque. A criticidade presente na *Semana Ilustrada* aparecia de maneira peculiar, já que não fazia menções diretas ao imperador como outros periódicos da época.⁸ Por causa disso não se pode dizer que não havia crítica. O alvo era, sobretudo, o comportamento e os costumes da sociedade. A dinâmica do poder, as eleições, e as discussões políticas entre liberais e conservadores eram assuntos constantes, principalmente quando as eleições se aproximavam.



⁸ Periódicos da mesma época que mantinham posição de crítica com relação ao governo imperial: *Bazar Volante* (1863-1867), que depois vira *Arlequim* em abril de 1867 e, em seguida, *Vida Fluminense* (1868-1875) e *O Mosquito* (1869-1877).



Voto livre.
O Sr. Henrique. — Se não votar nesta chapa, asseguro-lhe que será demittido.
O Sr. Cazuzza. — Dê-me a chapa, Sr. chefe. (Em casa a embolarei).
O Sr. Henr. — Eil-a aqui. Agora vote livremente.

Voto livre .

O Sr. Henrique. — Se não votar nesta chapa, asseguro-lhe que será demittido.

O Sr. Cazuzza: - Dê-me a chapa, Sr. chefe. (Em casa a embolarei).

O Sr. Henr. — Eil-a aqui. Agora vote livremente.

Assunto recorrente consistia nas relações familiares, enfatizando o casamento, o adultério e o casamento por interesse. As relações entre homem e mulher eram representadas constantemente, demarcando os papeis de cada um perante a sociedade. Muitas vezes, como na imagem abaixo, a crítica era no sentido de como os costumes estavam mudando e, com isso, alterando uma ordem social estabelecida.



O MUNDO ÀS AVESSAS
*Out'ora via-se um moço
atraz das moças correr,* *atraz de um moço cem moças
estamos agora a ver.*

O MUNDO ÀS AVESSAS

Out'ora via-se um moço atraz de um moço cem moças
Atraz das moças correr, estamos agora a ver.

A Guerra do Paraguai (1864-1870) foi um conflito que marcou profundamente as nações que dele participaram, inclusive no que se refere à imprensa e à difusão das imagens. Nas palavras de André Toral (2001), “a Guerra do Paraguai foi a primeira, na imprensa sul-americana, a receber uma cobertura visual. E mais: a litografia permitia rápida elaboração de desenhos ou a cópia de fotografias, daguerreótipos ou pinturas.” (TORAL, 2001, p. 57). Durante o conflito, a *Semana* enfatizou bastante este assunto em suas páginas utilizando ilustrações e textos, não deixando de apoiar o Império e destacando o caráter benéfico da luta pela pátria.



Quem não é pelo Brasil, e contra o Brasil.

Diante de um inimigo feroz, que invade nosso território, que tala nossos campos, que exerce toda a sorte de crueldades, não ha, nem deve haver duas opiniões. Em face de um tyranno, que envergonha a grande America meridional, as paixões nacionaes desaparecem. Odios e rivalidades mesquinhas fundem-se em uma só aspiração: Guerra ao Despotismo. Quem não pugna pela honra da nação, é inimigo da pátria, quem, em frente das hostes estrangeiras não abraça o adversario politico não ama o seu paiz, menospreza os laços da familia e desconhece seus proprios interesses. Na balança do patriotismo pesão igualmente em taes circunstancias as idéas divergentes dos partidos, resentimentos pesoaes, dissidencias, tudo acaba, e se dissipa: um só pensamento deve brilhar em todos os espíritos, um unico sentimento animar todos os corações: A glória do Brasil, o triumpho da honra e da dignidade nacional. Brasileiros, união, concórdia! Salvemos o grande Imperio do Brasil!

Quem não é pelo Brasil, é contra o Brasil.

Diante de um inimigo feroz, que invade nosso território, que tala nossos campos, que exerce toda a sorte de crueldades, não ha, nem deve haver duas opiniões. Em face de um tyranno, que envergonha a grande America meridional, as paixões nacionaes desaparecem, odios e rivalidades mesquinhas fundem-se em uma só aspiração: Guerra ao Despotismo. Quem não pugna pela honra da nação, é inimigo da pátria, quem, em frente das hostes estrangeiras não abraça o adversario politico não ama o seu paiz, menospreza os laços da familia e desconhece seus proprios interesses. Na balança do patriotismo pesão igualmente em taes circunstancias as idéas divergentes dos partidos, resentimentos pesoaes, dissidencias, tudo acaba, e se dissipa: um só pensamento deve brilhar em todos os espíritos, um unico sentimento animar todos os corações: A glória do Brasil, o triumpho da honra e da dignidade nacional. Brasileiros, união, concórdia! Salvemos o grande Imperio do Brasil!

Semana Illustrada, edição 237, ano 1865

A religião era outro assunto que aparecia com frequência. Pode-se citar como exemplo polêmicas envolvendo a religião católica, o comportamento dos religiosos ou até mesmo questões polêmicas como a discussão sobre a infalibilidade do papa. A *Semana Illustrada* também satirizava o jornalismo, quanto fazia referência a outros periódicos⁹, seja em forma de texto ou de ilustração. A figura abaixo fornece um exemplo de crítica sobre o fazer da imprensa:



Como se escrevem NOTÍCIAS.

Sr. Redactor, o bond n. 22 quasi pisou um homem neste instante.

Redactor (que não ouviu o quasi) – Bom (escreve); o bond n. 22 que sahe da côrte às 11 horas, pisou um homem que atravessava a rua do Cano, e tão infelizmente que é duvidoso se escapará; a inexperiencia dos cocheiros quasi sempre é a causa desses desastres; não appareceu no lugar nenhum guarda etc., etc.

Retrato do homem pisado, limpando com o lenço o pó das botinas.

Como se escrevem NOTÍCIAS.

Sr. Redactor, o Bond n. 22 quasi pisou um homem neste instante.

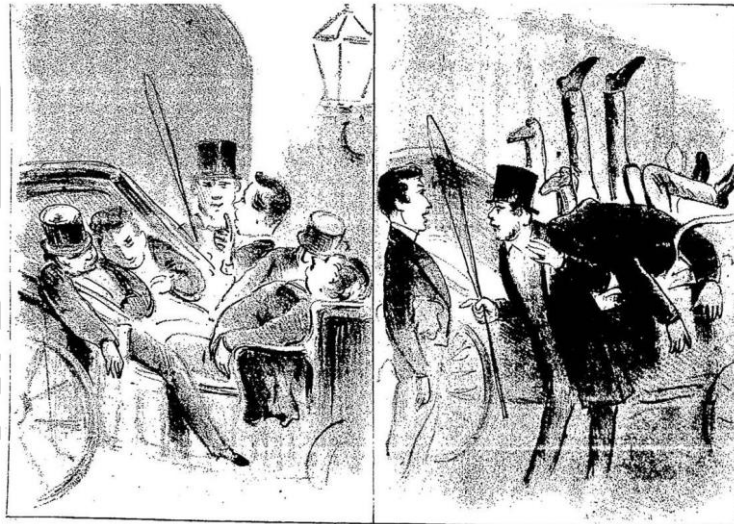
Redactor (que não ouviu o quasi) – Bom (escreve); o bond n. 22 que sahe da côrte às 11 horas, pisou um homem que atravessava a rua do Cano, e tão infelizmente que é duvidoso se escapará; a inexperiencia dos cocheiros quase sempre é a causa desses desastres; não appareceu no lugar nenhum guarda, etc., etc.

Retrato do homem pisado, limpando com o lenço o pó das botinas.

Semana Illustrada, edição 548, ano 1871

⁹ Periódicos tais como o *Jornal do Commercio*, *Diário de Noticias*, *A Reforma*, dentre outros.

O cotidiano, por sua vez, era o grande alvo do que a Semana publicava. A cidade do Rio de Janeiro, durante o Império, foi dissecada pela revista. Os problemas, tais como enchentes, limpeza urbana e a qualidade dos calçamentos, eram citados de forma a exigir uma solução por parte das autoridades competentes, que deveriam promover as mudanças e melhoramentos necessários.



Por causa dos calçamentos.

1. CRIADO AO COCHEIRO:—Este senhor louro, que vai aqui, deve apeiar-se na rua do Rosario n. 227; este moreno que está ao lado d'ele, no beco dos Afflictos n. 64; e estes dous carecas que são irmãos, na rua de S. Pedro n. D. Veja lá que se não engane: beberam menos do que deviam beber, e vão com muito somno.

2. COCHEIRO AO CRIADO:—(Um quarto de hora depois.) Sô moço aqui estou outra vez. Está se calçando a rua do Fogo, e com os trambulhões do carro, quando por lá passamos, misturaram-se os homens. Faça o favor de os endireitar de novo e explicar-me este guisado de louros, morenos e carecas.

Por causa dos calçamentos.

1. CRIADO AO COCHEIRO. – Esse senhor louro, que vai aqui, deve apeiar-se na rua do Rosario, n. 227; este moreno que está ao lado d'ele, no beco dos Afflictos n. 64, e estes dous carecas que são irmãos, na rua de São Pedro n. D. Veja lá que se não engane: beberam menos do que deviam beber, e vão com muito somno.

2. COCHEIRO AO CRIADO. – (Um quarto de hora depois.) Sô moço aqui estou outra vez. Está se calçando a rua do Fogo, e com os trambulhões do carro, quando por lá passamos, misturaram-se os homens. Faça o favor de os endireitar de novo e explicar-me este guisado de louros, morenos e carecas.



E' ultimamente necesssario que um dos novos Srs. vereadores vá morar perto da praça da Gloria, para acabar-se com a immundicie, que é tal, que os proprios fiscaes e seus guardas fogem d'eela (Testemunha ocular)

Através do exemplo do periódico *Semana Illustrada*, infere-se que a imprensa humorística ilustrada no século XIX fornece elementos para pensar a sociedade oitocentista. Em primeiro lugar, cabe destacar a inovação da *Semana* no que diz respeito ao o uso intensivo de imagens em grande parte pelo método litográfico. Tal técnica era fácil, rápida e eficiente, o que permitia ampla circulação das imagens contidas no periódico. Ao criticar os costumes utilizando a ferramenta do humor, Henrique Fleiuss e seus colaboradores evidenciaram aspectos importantes dos costumes da sociedade carioca no que diz respeito a temas como: política, papéis sociais do homem e da mulher, religião, situação da cidade. Os inúmeros assuntos tratados pela *Semana* se apresentam ao historiador como fonte promissora para novas pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. A trajetória de Henrique Fleiuss, da *Semana Illustrada*: subsídios para uma biografia. In: KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta (Orgs.). **Revistas Ilustradas: Modos de ler e ver no Segundo Reinado**. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ. 2011. p. 53-65.

_____. **História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 281p.

DRIESSEN, Henk. Humor, riso e o campo: reflexões da antropologia. In: BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (orgs.). **Uma História Cultural do Humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 251-276.

FONSECA, Joaquim da. **Caricatura: a imagem gráfica do humor**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999. 286 p.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Henrique Fleiuss: vida e obra de um artista prussiano na Corte (1859-1882). **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 85-95, jan./jun., 2006.

KNAUSS, Paulo. Introdução. In: KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta (Orgs.). **Revistas Ilustradas: Modos de ler e ver no Segundo Reinado**. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ. 2011. p. 7-14.

LIBRÉ. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. [2012]. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=libr%C3%A9>>. Acesso em: 02 out. 2012.

LIMA, Herman. Henrique Fleiuss. In: **História da Caricatura no Brasil**. v. 2. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. p. 743-759.

MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 130 p.

NERY, Laura. Os sentidos do humor: Henrique Fleiuss e as possibilidades de uma sátira bem comportada. In: KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize; OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta (Orgs.). **Revistas Ilustradas: Modos de ler e ver no Segundo Reinado**. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ. 2011. p. 173-187.

PIRES, Maria da Conceição Francisca. A Imprensa Ilustrada no Final do Século XIX. In: _____. *Centenário do traço: o humor político de Ângelo Agostini na Revista Ilustrada (1876-1888)*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010. p. 19-27.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **O traço como texto: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. Coleção Papéis Avulsos nº 38, 2001.

TELLES, Ângela Maria Cunha da Motta. As revistas ilustradas na produção e circulação de imagens no século XIX. In: _____. **Desenhando a nação: Revistas Ilustradas no Rio de Janeiro e Buenos Aires na década de 1860 e 1870**. 2007. 231 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História Social, Rio de Janeiro, 2007.

TORAL, André. **Imagens em Desordem: a iconografia da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Humanitas, 2001.